

# A perigosa politização da questão econômica

**HUGO MARTINEZ**  
Nosso Correspondente

**BUENOS AIRES** — “Com a experiência proporcionada por quase cinquenta anos de governos estáveis na Argentina, sinto-me animado a diagnosticar que a busca do crescimento com inflação só conduz à hiperinflação. Uma transição política como a brasileira, representa um período onde as considerações puramente políticas adquirem máxima importância na tomada de decisões públicas.” Esse é o comentário do economista Juan Carlos de Pablo, logo após assistir, no Rio de Janeiro, a um seminário sobre hiperinflação.

De formação liberal, profundo conhecedor do Brasil, Pablo tem uma visão pessimista do momento atual, advertindo que “corremos o risco de pensarmos para trás e, não, para o futuro, aflorando ressentimentos. Nesta situação, a economia fica politizada, no sentido de subordinação indevida da política econômica à política em geral. Insistir que tem de haver de tudo para todos é ignorar como é o mundo, ou uma perigosa politização da questão econômica”, disse o economista.

No caso do Brasil, Juan Carlos de Pablo observa que “a inevitável politização, própria de uma também inevitável transição”, tem como fundo a morte do ex-presidente Tancredo Neves. Ele acredita que o enfraquecimento da economia derivada da transição, teve um complemento importante da “confusão política”, provocada pela morte de Tancredo Neves. Nesta situação, era de se esperar que a economia brasileira realmente se complicasse. “Vejo no Brasil um caminho de inflação de difícil retorno”, afirmou.

Menos pessimista que Juan Carlos de Pablo, um economista de uma instituição do sistema financeiro argentino, e que pediu o anonimato, diz que as diferenças entre as econo-

mias da Argentina e do Brasil tornam aletatório o intercâmbio de experiências. “O Brasil tem seguido uma política industrial calcada nos investimentos externos. Esta situação aumenta sua dívida, e com escassos controles sociais, transforma-se em francamente regressiva para as camadas majoritárias.”

Esse economista acredita que essa situação social é considerada injusta por todos os setores, incluindo os produtivos e financeiros. Lembra porém que a crise internacional torna quase impossível “empunhar as bandeiras sociais”. Para ele, os investimentos tem de gerar capacidade de exportações, para que, desse modo, se possa captar divisas necessárias ao pagamento. “A disciplina produtiva posterga as justas reivindicações sociais. Este é um argumento que o poder tem usado sempre, só que, desta vez, com razão.”